



*COMPORTAMENTOS DESAFIADORES E INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA
PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO DE
PROFESSORES POR MEIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO*

Jéssica de Brito¹

Bárbara Martins de Lima Delpretto²

RESUMO: Este trabalho objetiva-se descrever a observação de comportamentos difíceis de uma aluna, público-alvo da educação especial, matriculada na Educação Infantil, além de apontar as estratégias para angariar comportamentos positivos em sala de aula. A metodologia pautou-se na pesquisa qualitativa a partir das observações participantes. Foi proposta a elaboração de regras de comportamentos positivos para que ambas docentes pudessem aplicá-las em sala de aula. Assim, verificou-se que a colaboração com professores a partir de práticas diferenciadas devem ser realizadas com o intuito de assistir as peculiaridades de aprendizagem existentes em uma sala de aula.

Palavras-chave: educação infantil; inclusão escolar; educação especial.

*CHALLENGING BEHAVIORS AND SCHOOL ENROLLMENT OF A STUDENT AUDIENCE
OF SPECIAL EDUCATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO
THE CONTINUING EDUCATION OF TEACHERS IN SERVICE THROUGH SUPERVISED
TRAINING*

ABSTRACT: This paper aims to describe the observation of a difficult behaviors, target audience of special education student enrolled in kindergarten, while pointing out the strategies to garner positive behaviors in the classroom. The methodology was based on qualitative research from participant observations. Rule making positive for both faculty could apply them in the classroom behavior was proposed. Thus, it was found that collaboration with teachers from different practices must be made in order to watch the peculiarities existing learning in a classroom.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFSCar.

² Mestre em educação. Atualmente, é consultor pedagógico na Pearson Education do Brasil e participante do Grupo de Pesquisa GPESP/CNPq - UFSM com ênfase nos temas relacionados a acessibilidade, inclusão escolar e formação de professores.

Key words: childhood education; school inclusion, special education.

LOS COMPORTAMIENTOS DESAFIANTES Y LA MATRÍCULA ESCOLAR DE UN PÚBLICO DE ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN ESPECIAL EN LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA: CONTRIBUCIONES A LA EDUCACIÓN CONTINUA DE LOS DOCENTES EN SERVICIO A TRAVÉS DE ENTRENAMIENTO SUPERVISADO

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo describir la observación de un comportamiento difícil, público objetivo del estudiante de educación especial matriculados en jardín de infantes, al tiempo que señala las estrategias para reunir las conductas positivas en el aula. La metodología se basa en la investigación cualitativa a partir de observaciones de los participantes. Regla haciendo positiva tanto para profesores podría aplicarlas en el comportamiento en el aula se propuso. Así, se encontró que la colaboración con los profesores de las diferentes prácticas debe hacerse con el fin de observar las peculiaridades existentes aprender en un aula.

Palabras clave: la educación infantil, la inclusión escolar, la educación especial.

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva pode ser descrita como um fenômeno social mantida através de ações governamentais e educacionais dentro da escola, assegurando que todos os alunos possam fazer parte de um mesmo ambiente social. Além disso, se “[...] constitui em um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis” (BRASIL, 2008). Dessa forma, quando a escola reconhece que há dificuldades a partir de práticas discriminatórias, essa passa a refletir em alternativas que podem superá-las.

Assim, se pensa nos alunos que vivenciam tais práticas discriminatórias e que fazem parte das discussões que balizam a educação inclusiva, que são os alunos público-alvo da educação especial. Neste contexto, ressalta-se a significância dos embasamentos legais que orientam quanto ao direito de acesso deste grupo ao ensino de qualidade e em locais não específicos, permitindo que os mesmos possam desfrutar dos recursos pedagógicos, financeiros e pessoais adequados.

E quando se ressalta, em particular, os recursos pessoais estamos apontando para a atuação do educador especial frente ao atendimento desses alunos em todos os níveis de ensino. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), o professor que atua nessa área deve ter formação inicial e continuada para o exercício da docente para com esse público. Assim, no ensino comum, o

mesmo atuará de forma colaborativa com o professor regente de sala, coadunado ao atendimento educacional especializado (AEE) nas salas de recursos multifuncionais.

Várias legislações partem do princípio da inclusão educacional e social das pessoas público-alvo da educação especial nas escolas, na sociedade civil, no mercado de trabalho; porém daremos um destaque especial a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) e já referendada Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008)³. A Declaração de Salamanca (1994) descreve que as escolas regulares devem reestruturar o seu funcionamento a partir de uma educação de qualidade através da lógica da educação inclusiva a todas as crianças marginalizadas – e dentre elas as que fazem parte do público-alvo da educação especial.

Quanto a Política Nacional de educação especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) ressalta sobre a inclusão escolar dos alunos público-alvo da educação especial, citando em seu texto, também, aqueles sujeitos com transtornos específicos, psicose infantil ou então especificidades que necessitam do apoio da educação especial.

Na ocasião, destacam-se os referidos alunos enfatizados anteriormente, porém, incluídos na educação infantil, com objetivo de descrever a observação de uma sala de aula no qual havia uma aluna que faz parte do público-alvo da educação especial, além de apontar as estratégias empregadas para angariar comportamentos positivos dessa estudante que foram observados e discutidos. Participaram desse estudo os dezenove alunos que compunham a sala de aula, incluindo a escolar que faz parte do público-alvo da educação especial, bem como as duas professoras que trabalharam no período, sendo uma do período matutino, e outra do período vespertino, identificadas neste estudo pelos nomes fictícios Marli e Tereza, respectivamente em uma escola regular de São Carlos (SP).

DECISÕES METODOLÓGICAS

O artigo em estudo teve como princípio metodológico a abordagem qualitativa, que é utilizado para descobrir e refinar as questões de pesquisa; e, além disso, busca compreender o fenômeno de estudo em seu ambiente usual, ou seja, como as pessoas vivem se comportam e atuam; o que pensam e quais são as suas atitudes (LUKE; ANDRÉ, 1986).

³ Outros marcos políticos fazem parte desse período tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394/1996, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica de 2001, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, o Decreto nº 7.611/11 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado, dentre outros.

Nesta perspectiva, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, onde para Spink (2003, p. 21), tal método se refere à observação e à interação com as pessoas “no seu habitat natural”, ou seja, no “[...] “campo”, portanto, é aonde o pesquisador ia para fazer seus estudos”. Além disso, foram realizadas observações participantes para que a pesquisadora pudesse analisar e interagir com os alunos e os professores dentro da sala de aula.

Desta forma, Queiroz et al. (2007) que a observação deve proporcionar ao pesquisador a visão e análise da realidade social que está a sua volta, além de conhecer o grupo social que está a sua volta tendo sensibilidade e motivação para a realização de mudanças. Assim, a observação participante supõe a interação pesquisador e o pesquisado e foi nessa perspectiva que esta pesquisa foi realizada: a de análise das situações dos grupos sociais presentes, sendo estes observados e analisados para que fosse possível propor mudanças significativas para os mesmos.

A pesquisa foi iniciada por meio de uma disciplina de estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), durante o ano de 2012, em uma escola de Educação Infantil, denominada pela cidade de São Carlos como Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) por um período integral durante uma vez por semana. Em relação às questões éticas, estas foram propiciadas pelo termo de estágio supervisionado de tal universidade, sendo este aceito e assinado pela escola onde o mesmo foi realizado.

Além disso, tal estágio teve a duração de três meses em uma vez por semana. Tal pesquisa desenvolveu-se a partir das etapas de observação participante e intervenção perante os dados observados pela estagiária durante as aulas para realizar momentos de conversas entre ambas as professoras após os Horários de Trabalho Coletivo Pedagógico (HTPC)⁴ a fim de estas se comunicassem melhor para tomar mediadas mais eficazes e angariar práticas de como proporcionar momentos de aprendizagem mais prazerosos com e para seus alunos. Esses encontros foram também momentos de leitura sobre manejo de comportamentos difíceis entre os alunos, principalmente quanto à aluna Karina, já que esta foi um dos motivos pelos quais foi solicitado que estágio fosse realizado na referida CEMEI.

Todos os procedimentos utilizados no decorrer da investigação foram minuciosamente estudados, analisados e interpretados buscando as relações existentes entre o

⁴ Os HTPCs ocorriam no período noturno e a estagiária e autora desse trabalho o frequentava juntamente com tais docentes nesse mesmo período.

pensar, o refletir e o agir pedagógico. Assim, durante o estudo - em todas as etapas realizadas - os resultados foram anotados no diário de campo da pesquisadora.

Concluída as atividades, realizou-se uma análise dos resultados de forma descritiva e qualitativa para caracterizar os participantes durante o estudo. A coleta dos dados foi realizada a partir de dois momentos: as observações do espaço escolar e as intervenções frente ao manejo de comportamentos difíceis. A partir desse momento serão apresentados os resultados das observações e das intervenções quanto à aplicação de manejo de comportamento para a sala em que a aluna Karina fazia parte.

DESENVOLVIMENTO

Neste artigo relatam-se os dias mais significativos de cada mês em que foi realizado o trabalho na escola em questão. O estágio iniciou-se em setembro do ano de 2012, sendo que nesse mesmo mês foram realizadas observações frente à dinâmica da sala de aula, como os alunos se comportavam e quais eram as atividades de que, geralmente, eram enfatizadas dentro de sala de aula. A partir destas observações, foi possível perceber o que os alunos faziam e o que queriam dentro desse espaço escolar.

Os alunos solicitavam que as professoras passassem tarefas que eles quisessem realizar e não vice-versa. Quanto aos comportamentos dos alunos, ainda, foi possível observar que não havia reforçadores positivos comuns por parte das professoras da manhã e da tarde quando os alunos se comportavam da forma esperada.

Além disso, os mesmos, segundo observações realizadas, se sentiam “perdidos” e desfocados durante a aplicação das atividades por parte das pesquisadoras. Quanto às tarefas realizadas em sala de aula, as atividades eram pouco atrativas, pois os alunos não prestavam a atenção devida, e também não demonstravam ter prazer de participar das mesmas.

Em relação às observações e percepções da pesquisadora perante a prática docente e os comportamentos dos alunos, foi combinado entre as docentes que a mesma deveria participar das reuniões de HTPC oportunizando, assim, a análise e o estudo da realização das atividades, com o intuito de fazer os alunos se comportar de forma satisfatória e se concentrar durante a realização das tarefas propostas em sala. Também se evidenciou que esse espaço fosse de estudo de textos sobre o assunto e as discussões das evoluções e críticas perante o trabalho realizado em sala de aula com os alunos. No total, foram três encontros.

Com a aplicação das regras de comportamentos aceitáveis e positivos dentro de sala de aula, a professora do período da manhã também gostaria de saber - por meio das reuniões noturnas - se as regras que estavam sendo manejadas no período da manhã também estavam

sendo realizadas no período vespertino, a fim de que o sucesso de haver mudanças dos comportamentos desafiadores tanto da aluna Karina, quando dos demais alunos fossem, de fato, possíveis.

Dessa forma, o primeiro encontro ocorreu no mês de outubro após um dos HTPCs, que ocorriam as segundas-feiras. Outros dois encontros ocorreram em novembro. No primeiro deles, foi deixado um texto sobre estratégias para comportamentos positivos⁵. Entregou uma cópia dos textos para cada professora, além de algumas orientações impressas e um roteiro de observação que poderia ser um norteador para cada encontro realizado no período noturno.

O roteiro de observação abordou os comportamentos dos alunos durante a após a aplicação de quaisquer atividades para os alunos. As atividades, segundo o roteiro, deveriam ser direcionadas e ter o envolvimento dos alunos, bem como suas opiniões sobre a aplicação das mesmas, pois assim, as professores poderiam observar, com mais cautela, os comportamentos demonstrados por seus alunos.

Quanto aos objetivos iniciais da intervenção estes se referem a analisar como os alunos e a aluna Karina se comportavam durante a aplicação de atividades em que as professoras considerassem suas opiniões e verificar se, durante a aplicação das regras de comportamentos positivos em sala de aula os alunos poderiam se manter mais focado nas atividades, além de cultivar a colaboração e o respeito entre os colegas e as professoras.

Para fins de acompanhamento, foi elaborada uma ficha de observação do comportamento que os alunos apresentavam durante as atividades desenvolvidas e aplicadas por ambas as professoras. Desse modo, as mesmas poderiam relatar segundo suas impressões como os seus alunos estavam interagindo e quais comportamentos eram visíveis.

Assim, o exercício da observação de seus alunos poderia fazer com que as docentes refletissem nas atividades que estariam enfatizando e qual a resposta de seus alunos sobre elas. Assim, segue abaixo a ficha de observação comportamental durante as atividades aplicadas pelas professoras em forma de tabela para facilitar sua visualização.

⁵ HITZING, W. Apoio e estratégias de Ensino Positivas. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão** Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999. P. 353-368.

Dia/Mês /Ano	Tarefa a ser realizada	Qual o objetivo da atividade?	A atenção foi mantida durante a explicação das tarefas a serem realizadas?	Como foi a interação dos alunos durante tal atividade?	Houve comportame ntos desafiadores ? Se sim, qual foi sua reação durante eles?	O objetivo das tarefas foi cumprido pela turma? E por você?

Tabela 1. Ficha para observação comportamental da sala de aula durante as atividades

Dessa forma, as discussões foram realizadas a partir do texto indicados, em que o mesmo estava sendo lido. Também houve a articulação das ideias contidas no texto com as vivenciadas dentro de sala de aula. Nesse dia, a professora da tarde enfatizou que a aluna Karina estava se comportando melhor, pois, quando a mesma fazia algo que fosse ruim aos colegas, como bater, falar mal (xingamentos) ou empurrar, ela mesma dirigia-se até o colega e pedia-lhe desculpas.

A professora do período da manhã enfatizou que teve uma conversa com Karina para ressaltar isso, já que a aluna havia feito algo que machucou seu colega. Ainda, tal docente enfatizou que a aluna Karina chorou, mas entendeu a dinâmica do castigo e a importância dele para a correção dos comportamentos não aceitos. Assim, a sala estava melhorando quanto aos comportamentos desafiadores, fazendo com que, durante as tarefas propostas por tal docente começavam a permanecer mais centrados.

No segundo encontro do mês de novembro sendo este dia a última reunião - perguntou-se as professoras o que elas acharam quanto às regras montadas em sala de aula com os alunos e o quanto os encontros favoreceram para a compreensão de como impedir que comportamentos desafiadores ocorram em sala de aula.

As professoras disseram que pelo pouco tempo que tivemos para discutir esses assuntos, os encontros foram bem direcionadores às possibilidades de atividades que

poderiam ser enfatizadas aos alunos com comportamentos difíceis. Além disso, adoraram a montagem das regras para comportamentos positivos e das atividades diferenciadas aplicadas durante a intervenção realizada.

Quanto às intervenções frente ao manejo do comportamento dos alunos da sala de ambas das professoras, no mês de setembro foi proposto pela pesquisadora que fossem implementadas algumas regras de comportamentos positivas para os alunos, principalmente quanto à aluna Karina. As professoras, de ambos os períodos aceitaram.

Assim, neste mesmo mês as professoras observaram seus alunos e extinguiram os comportamentos não aceitos em sala de aula. Neste ínterim, no quadro 1, mostra os comportamentos não aceitos em sala de aula pelas professoras e as atitudes que estas foram orientadas a seguir:

Comportamentos observados e não aceitos em sala de aula por ambas docentes	Extinção desses comportamentos
<ul style="list-style-type: none"> • Durante as atividades propostas pela professora, os alunos se levantavam – todos ao mesmo tempo - para mostrar-lhes as mesmas. 	<ul style="list-style-type: none"> • A professora propôs que, se eles viessem até ela sem a atividade ser terminada, a mesma não olharia a atividade dos mesmos. Se caso tivessem alguma dúvida, eles teriam que levantar a mão.
<ul style="list-style-type: none"> • Agressão entre os amigos de sala. 	<ul style="list-style-type: none"> • Se caso um colega fosse agredido pelo outro, o amigo agressor deveria permanecer com o colega até que ele parasse de chorar e lhe pedisse desculpas.
<ul style="list-style-type: none"> • Falar e gritar na sala todos ao mesmo tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Se todos falassem ao mesmo tempo atrapalhando uma determinada atividade, as professoras ignorariam os alunos e não deixariam com que fizessem uma atividade do gosto dos mesmos no final de cada período.

Quadro 1. Comportamentos não aceitos em sala de aula pelas docentes e extinção dos mesmos.

Estas observações e ações frente aos comportamentos dos alunos foram muito importantes para a montagem de regras escritas dentro da sala, primeiro para auxiliar as professoras e os alunos do que poderia ou não fazer em sala de aula e em segundo para mobilizar os alunos frente à leitura e o comprometimento de seguir tais regras.

No mês de outubro, a estagiária e ambas as professoras tiveram o primeiro encontro no período noturno para discussão do que estava sendo feito em sala de aula atrelada a leituras frente ao manejo de comportamentos positivos. Assim, foi combinado com as professoras da montagem das regras de comportamentos positivos juntamente com os alunos para os mesmos verificarem que dependeria deles para as mesmas fossem realizadas.

Desta forma, em uma das aulas no período da manhã, a professora Marli proporcionou um momento de sua aula para reunir todos os alunos e explicar aos mesmos, o que seria proposto a eles. Assim, a professora Marli perguntou aos alunos quais comportamentos que não poderiam ser aceitos em sala de aula e os alunos responderam que brigar e machucar o amigo não poderia ser um comportamento aceito.

A professora Marli perguntou então qual tipo de atitude poderia ser tomada frente a este comportamento e os alunos responderam que o aluno que cometesse esse tipo de ato deveria ficar sem brincar no parque. E desta forma, as regras foram montadas. Além dessa regra, as outras anteriormente mencionadas no quadro 1 foram esquematizadas em uma cartolina e expostas na sala de aula para que os alunos pudessem verificar a importância de seguir as mesmas.

Além dessas regras foi proposta uma mudança nos acentos dos alunos, demarcando em cada cadeira o nome dos alunos. Assim, não poderiam mudar de lugar, sendo esta uma regra contida também na cartolina.

Durante a aplicação dessas regras, textos com a temática sobre manejo de comportamentos positivos foram lidos e discutidos perante as experiências positivas e negativas vivenciadas pelas professoras Marli e Tereza. As mesmas regras enfatizadas no período da manhã eram ressaltadas no período da tarde com a professora Tereza, fazendo com que se tornassem mais eficazes.

Neste contexto ressalta-se Hitzing (1999) onde, antes de tomar alguma decisão frente aos alunos, deve-se observar, cuidadosamente e priorizarmos algumas estratégias:

- “Estruturamos” ou definimos o problema;
- Seleccionamos os objetivos;
- Escolhemos os procedimentos de intervenção adequados;

- Definirmos o sucesso (p. 354).

Assim foi feito, pois, primeiramente, estrutura-se e definem-se os problemas frente aos comportamentos da aluna Karina e de seus colegas. Essa estruturação foi realizada em conjunto com as professoras a partir de seus relatos dos comportamentos de seus alunos e também da observação realizadas em sala de aula.

Após o período de observação, foram priorizados pelas professoras como as mesmas gostariam que seus alunos se comportassem e assim os objetivos foram propostos. Após a delimitação dos objetivos – tanto dentro de sala de aula, quanto nos encontros no período noturno com as professora Marli e Tereza – foi proposto estratégias mais adequada à sala em questão, verificando o que poderia ser possível que seus alunos alcançassem quanto a comportamentos positivos dentro e fora da mesma. Conforme descritos nas observações, as professoras agiam de forma a contribuir para com os comportamentos aversivos de seus alunos, e por isso os mesmos não as respeitavam em sala de aula.

Sendo assim, Hitzing (1999) enfatiza que quanto aos comportamentos destrutivos e desafiadores, os mesmos podem ser descritos a partir de um ciclo de aprendizagem com quatro etapas:

1. Os alunos podem receber tarefas e atribuições escolares que não valorizam, não entendem ou não sabem realizar.
2. Os alunos podem então se sentir confusos, ameaçados, zangados ou em sofrimentos.
3. Os alunos podem se comportar de maneiras destrutivas e às vezes perigosas. Se suas atribuições escolares resultam em tédio ou em confusão, seu comportamento, freqüentemente, se torna mais errático e menos previsível.
4. Os alunos aprendem a partir de experiências e tendem a repetir ações que para eles funcionam. Os comportamentos destrutivos ou perigosos em geral funcionam imediatamente, pois o aluno consegue escapar de tarefas e ganhar atenção do professor (p. 356).

A partir dessas etapas, evidencia a importância da observação dos professores frente aos alunos que apresentam comportamentos desafiadores e realizando-as de forma funcional no sentido de verificar quais foram os comportamentos antecedentes ao comportamento atual

que o aluno apresenta, até chegar às estratégias que podem ser importantes para extinguir os comportamentos observados. Por isso foi entregue às professoras um roteiro de observação, para que em cada aula e em cada reunião noturna, fossem evidenciados os comportamentos mais destrutivos a fim de que refletissem em conjunto para a formulação de objetivos e estratégias que poderiam ser aplicadas aos alunos.

E a aluna Karina?

Frente a todas as atividades, as dificuldades da aluna Karina, assim como também a de outros alunos (seus colegas) era de realizar as atividades a partir de comportamentos desafiadores. Porém, com as regras dos comportamentos positivos e aceitáveis dentro de sala de aula, o desempenho de Karina, assim como dos seus demais colegas melhorou e muito.

Deste modo, pode-se perceber que atividades que englobam todos os alunos foram mais produtivas e desafiadoras a todos. A aluna Karina, que desde o início do estágio foi caracterizada pelas suas professoras de peralta e agressiva, mostrou-se uma menina esperta, atenta em todas as atividades e foi se disciplinando conforme o andamento do estágio.

Quanto aos encontros noturnos entre a estagiária e as professoras dos dois períodos (manhã e tarde) eram também para que as professoras evidenciassem os avanços quanto às queixas iniciais relatadas quanto à aluna Karina, além da disciplina atingida pelos demais alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola que leva em conta a educação inclusiva tem como intenção maior o questionamento e a reconstrução de suas práticas realizando assim mudanças frente a sua cultura escolar. Assim, a mesma se torna inclusiva quando reconhece as diferenças de seus alunos a partir dos processos educacionais na constante busca da evolução e progresso dos mesmos, adotando, também, novas reflexões práticas pedagógicas.

A partir dessas considerações, verificamos que com o desenvolvimento desse trabalho, as docentes Marli e Tereza começaram a refletir sobre a importância de criar regras no ambiente escolar, não como uma forma de imposição das mesmas, mas como um modo de garantir com que os trabalhos desenvolvidos na sala fossem realizados. Além disso, as mesmas começaram a considerar a opinião dos alunos no fazer pedagógico para que as atividades fossem mais produtivas e de interesse dos alunos.

Tais ações compartilham com a ideia de que a equipe escolar deve se adequar as peculiaridades de seus alunos quando os mesmos – como pudemos verificar no desenrolar desse trabalho – em algumas ocasiões não tinham interesse em participar das atividades

propostas pelas docentes em sala de aula. Sendo assim, verificamos que a lógica de uma educação que leva em conta das especificidades de seus alunos foi levada em consideração.

Sendo assim, ressaltamos que quando há a iniciativa dos docentes em considerar a opinião dos alunos nos assuntos postos em sala de aula, os mesmos irão se sentir importantes, e com conseqüência a isso, mostrar interesse pelas aulas. Desta forma, manter as crianças quietas tendo a concepção de que esta é a maneira delas se comportarem de forma adequada não é uma forma produtiva e nem positiva para a participação dessas nas aulas e ensiná-las a como respeitar as regras escolares.

E quando verificamos as crianças com alguma necessidade específica que demonstra comportamentos desafiadores e agressivos, tal como a aluna Karina, verificamos uma tendência de não sabermos como “lidar” com esse desafio. Na maioria das vezes, professores se sentem impotentes frente a tais crianças e de como incluí-las em suas salas, causando assim, uma “mudez” de discurso e questionamentos, como também de ação.

Neste quesito, a escola envolvida no estudo, assim como as professoras Marli e Tereza não foram mudas ao expor suas angustias frente aos comportamentos e peculiaridades da aluna Karina, solicitando a colaboração de uma estagiária em sua escola. E, como conseqüência dessa solicitação, um trabalho foi realizado fazendo com que a instituição, assim como tais docentes acreditassem que seriam capazes de realizar mudanças positivas em seus alunos, assim como desenvolver uma visão diferente e delicada sobre a educação inclusiva.

Desta forma, verificamos que trabalhos em colaboração entre professores e um estagiário de educação especial a partir de práticas diferenciadas que levem em conta as peculiaridades de seus alunos devem ser realizados, fazendo com que haja a formação continuada em serviços dos professores e demais agentes da escola, além de proporcionar a mudança na concepção da equipe escolar para as peculiaridades apresentadas pelos alunos público-alvo da educação especial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. DF: Brasília, 15 p.

_____. Ministério da Educação. 2010. **A Educação especial na Perspectiva da Inclusão Escolar** - A Escola Comum Inclusiva – Fascículo 1. DF: Brasília, 52 p.

HITZING, W. Apoio e estratégias de Ensino Positivas. 1999. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão** Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, p. 353-368.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. 1986. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 99 p.

QUEIROZ, D. T. et al. 2007. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem**. UERJ: Rio de Janeiro, v. 15 (2), p. 276-283.

SAVIANI, D. 2008. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 474 p.

SPINK, M. J. 2003. **Psicologia social e saúde**: práticas, saberes e sentidos. Petrópolis: Vozes.